

---

# MENSAGEIRO

---

DO CORAÇÃO DE JESUS | JULHO 2019

---



«CONCILIAR  
A JUSTIÇA  
E O AMOR»

ENTREVISTA  
COM O JUIZ  
PEDRO VAZ PATTO  
pág. 3

ORAÇÃO  
APOSTÓLICA  
pág. 24

**NOS CAMINHOS  
PORTUGUESES DE MARIA**

PROMOÇÕES

-20 %



# MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

julho 2019 // Ano CXLIV, n.º 7

## Diretor

António Valério, s.j.

## Administração

Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

## Contactos:

Geral: 253 689 440  
Revistas: 253 689 442  
Livraria: 253 689 443  
Email: revistas@snao.pt  
Web: www.revistamensagem.pt  
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

## Direção de arte e produção gráfica

Francisca Cardoso Girão

## Paginação

Ana Miranda

## Impressão e acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar  
4710-073 BRAGA  
Contr. n.º 504 443 135

## Redação, Edição e Propriedade

Secretariado Nacional do Apostolado da Oração  
Província Portuguesa da Companhia de Jesus  
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86  
ISSN 0874-4955

Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto  
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1 a  
Tiragem: 9.000 exemplares



## ASSINATURA PARA 2019

Portugal  
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€  
Europa: 21,00€  
26,00 Fr. Suíços  
Fora da Europa: 27,00€  
35,00 USD  
42,00 CAD

Preço por exemplar: 1,40€

Pagar por transferência bancária:

De Portugal:  
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255  
(Millennium.BCP - Braga);

Do Estrangeiro:  
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255  
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

## ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h

## A ARTE DO ESSENCIAL

PROPOSTAS PARA UMA VIDA DE ORAÇÃO

DÁRIO PEDROSO, S.J.



Numa linguagem simples, *A Arte do Essencial* apresenta diversos modos de orar, como ajuda concreta para quem deseja adentrar-se nos caminhos da vida espiritual.

### PREÇOS

Portugal: 10,45€  
Europa: 12,90€  
Fora da Europa: 13,90€

## ETTY HILLESUM

UM ITINERÁRIO ESPIRITUAL

PAUL LEBEAU



Com abundantes citações do Diário e das Cartas de Etty Hillesum, esta biografia permite entender o difícil e fecundo caminho interior percorrido por esta judia holandesa em plena 2ª Guerra Mundial.

### PREÇOS

Portugal: 12,30€  
Europa: 15,20€  
Fora da Europa: 16,80€

Portes de correio incluídos nos preços.  
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.  
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga  
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt



## SOPHIA DE MELLO BREYNER

Alexandre Freire Duarte

Sophia. Só Sophia. Poucas são as pessoas que, depois de fazerem história, passaram para a história podendo ser referidas somente pelo seu primeiro nome. Sophia de Mello Breyner (1919-2004) é uma dessas fugazes estrelas do firmamento humano. Fugazes, sem dúvida, pois é como se o excesso de brilho desses astros comportasse, como compensação por esse dom que às vezes cega quem assim reluz, uma efemeridade decorrente do se viver no meio de quem quer apresar a luz. Efemeridade ainda maior no caso de quem, como Sophia, é poeta – esse viajante ao redor da mística – e, assim, tenta fazer com que os demais vivam as suas

percepções afetivas do modo mais íntegro, mas sem recusar abordar os temas mais comuns.

Com efeito, nos escritos de Sophia, que muitas das vezes parecem caleidoscópios em que de dentro de um emergem os demais numa cadeia áurea que dá segurança através daquela humildade que é a atmosfera do amor, há um certo pudor, cheio de proximidade quente, que a impede de deambular por belezas sedutoras. Aquelas que, fascinadas por filamentos de arco-íris, se recusam a olhar para o pão, a água, o pó; em suma: para tudo o que faz o homem. Tudo isso está presente nos seus textos, ainda que, igualmente, sob o prisma

daqueles arco-íris que, envolvendo tais elementos como mensageiros, recordam, uma e outra vez, as alianças de amor que só são celebradas por quem não se resigna a achar que as coisas são sempre demasiado subtis ou banais para poderem ser abordadas.

Sophia não despreza o sentido real das palavras, mas, embora sendo absolutamente fiel a este, aponta, com magnanimidade prudente, para o inesperado que, presente naquelas, só se encontra entre o que é simples e, sobretudo, entre aqueles mais simples com quem o Deus-Homem mais Se identificou. As suas obras não deixam qualquer dúvida de que ela viveu, por vezes pungidamente, esta constatação, nunca idealizando o verdadeiramente real, nem tornando real o meramente ideal, antes dizendo, através de si mesma, a natureza da natureza das coisas que tais obras escovam, com ternura, através daquelas palavras.

Se assim é, o silêncio do ser e da linguagem não surge, em Sophia, em contraposição com o ruído, ou, pelo menos, com uma resposta a esse ruído que, quando sonata da alma desta escritora portuense, tem mais valor, não como expressão de uma revelação do seu interior, mas enquanto enfatizar desse mesmo interior. Não. Tal silêncio e tal ruído, que unem tantas vezes aquele sofrimento humano que nas obras desta escritora só parece redimido por uma multitude de pequenas separações e mortes quotidianas de amor, são como uma só luminosidade pálida que plaina sobre uma paisagem quando o Sol está a enrolar-se por entre nuvens que, entre o branco e o azul (essas cores que Sophia tanto parece estimar), realçam a sua beleza. Eis, na minha opinião, uma das razões porque os seus contos e poemas chegam tão longe: porque a sua expressividade é uma intensidade descomplicada e descomplicadora que toca nas contradições mais íntimas de cada coração que, embora finito, é sempre um passageiro do infinito que em si espelha.

Face ao que acabei de apontar, não deixa de ser elucidativo que, nos textos de Sophia, o passado é quase que virtualmente sempre um tempo de recordação de maravilhas, como que se, para aquela, a sua visão do «antes» fosse uma celebração do «recordar-se de Deus» numa celebração das suas ações na sua vida. Quer dizer, também no seu próprio corpo, repetido em muitas ocasiões, porquanto rememorado nas alusões que faz à materialidade pessoal, numa ondulação não mágica (nem, apesar de aparências em contrário, esotérica ou trágica), mas tão compacta como o drama do sangue

que dá Vida. Neste aspeto, Sophia, como qualquer cristão que saiba o que é viver de tal Sangue de Amor, parece ser como um náufrago que regressa, vezes sem conta e num combate sem tréguas, à saudade, aos destroços que formaram o que, um dia, a levaria àquele porto-seguro pelo qual ela, na meta das suas deambulações, sonhou poder vir a reconhecer como aquela habitação, comum a todos, por que sempre demandou.

Será por isto que a justiça, tantas vezes não entendida segundo o modelo humano da reciprocidade mas o propriamente divino da imerecida graça, é algo tão premente numa Sophia que se sentiu tantas vezes (auto)exilada também para satisfazer as aspirações daqueles que a orbitavam? Não sou capaz de responder claramente a esta questão, mas sendo verdadeira tal prevalência da justiça que se identifica com um dom máximo de bondade sem réstias de orgulho, então esta escritora triplamente condecorada pelo Estado Português (1981, 1987 e 1998) logrou impedir que tal virtude se tornasse desconhecida fruto do ser tão conhecida. Se Sophia fosse só isto, já seria suficiente, não só para a sua presença no Panteão Nacional, mas para a própria presença deste nela.

É possível que seja preciso um grande exercício de imaginação para se encarar literalmente o que acabei de escrever, mas se se conseguir aproveitar algo dessa estimulação da imaginação – que leva a que conheçamos, desde criança, os abismos e as noites que abundam nos textos de Sophia –, deixemos que ela nos leve de volta aos contos infantis que nos dão, respetivamente, redes e luzes para sermos vencedores de tais perigos. E isto, de mãos dadas com aquela Beleza que é a nossa mais pura imaginação feita Realidade. De facto, as personagens de tais contos resgatam, para nós, a possibilidade de uma inocência confiada, que traz consigo uma sabedoria superior, própria de quem se sabe protegido, no mais concreto do dia a dia e dos perigos do nosso coração, por Aquele que revela que a Fada Oriana pertence mais ao mundo concreto das Orianas do que ao mundo das fadas.

Com tudo isto posto em consideração, Sophia é mestra em apontar que os ventos, tão presentes nos seus textos sob diferentes perspetivas, talvez não sejam mais do que enigmas que só tenham a sua chave de verdadeira solução (e não fabricada através de seleções artificiais) onde menos contamos encontrá-la: na visão da realidade dada pela fé n'Aquele Deus-Amor que fez, de nós, a sua esperança, a sua fé, o seu amor.